

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4015682>



REVISITANDO PINOCCHIO, O CONTO CONTEMPORÂNEO

Wagner Feitosa Avelino¹

Resumo

O presente texto apresenta uma resenha crítica do clássico "As aventuras de Pinocchio", por meio de uma leitura atrelada as inúmeras versões em desenhos e em filmes. As ações do personagem Pinocchio têm suas justificativas e pode ser relacionado a escola e a sociedade contemporânea.

Palavras chave: Conto; Educação; Pinocchio; Sociedade.

Abstract

This text presents a critical review of the classic "The adventures of Pinocchio" through a reading linked to the countless versions in drawings and films. The actions of the character Pinocchio have their justifications and can be related to school and contemporary society.

Keywords: Education; Pinocchio; Short Story; Society.

A primeira versão das aventuras de Pinocchio, foi escrita pelo italiano Carlo Collodi (1826-1890), em 1883. Em 1940, a Walt Disney adaptou a obra para desenho animado, adquirindo ao longo desses anos diversas versões, ao qual a última em 2019, um longa-metragem, que contou com a direção de Matteo Garrone.

Ambas versões apresentam o cotidiano de Geppetto, um velho marceneiro solitário que constrói bonecos de madeira em seu tempo livre, admirando suas obras para suprir um filho que nunca teve. Até que um certo dia, construiu um boneco muito especial, ao qual chamou de Pinocchio. Em meio as descobertas do novo mundo e com muitas conversas e aventuras com seu amigo Grilo Falante, o boneco encontra uma fada que o transforma em criança, por ter ampla compaixão. Desse modo, Geppetto o matricula em uma escola, como uma criança qualquer. Porém, ao chegar na porta da instituição encontra dois homens que o convida juntamente com outras crianças para irem à Terra dos Prazeres, local que não possuía regras. Ao chegarem ao parque, suas orelhas começaram a igualar as de um burro e mais uma vez a fada foi solicitada para sanar o problema. Contudo, para se safar, contava mentiras e seu nariz crescia e crescia cada vez que confirmavam os atos. Desse modo, com os erros, o garoto aprendeu a lição e não contou mais mentiras.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), docente da Faculdade de Americana e Professor Coordenador de Ciências Humanas na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. E-mail: profmswagner@gmail.com



Em todas as adaptações, a mentira proferida pelo boneco alongou o nariz, ou as orelhas de burro por ter evadido da escola, esses fatos têm representado fortemente o conto em todas versões. Contudo, o que chama a atenção nesses dois pontos supracitados são: Pinocchio mentiu para sobreviver, pois sua vida tinha um grande valor, e quando evita frequentar a escola para se divertir em um local mais atrativo, não é diferente da escola contemporânea. O autor, em seu original na segunda metade do século XIX, conseguiu manter sua crítica bem incisiva à escola e aos métodos pedagógicos poucos receptivos, mesmo em um período em que a escola tinha suas amplas funcionalidades econômicas e sociais.

As crianças não nascem com malícias e acreditam veemente nos ensinamentos dos adultos e nas atitudes dos demais alunos. Mesmo sem desvincular a criança do aluno, esses estão sempre ouvindo as instruções dos professores e pais sem muito questionarem. Por isso, são corrompidas diariamente com teorias vãs e métodos tradicionais. Porém, aprendem na prática, ou seja, com a ludicidade quando instigada por educadores renovadores. Um grande exemplo, são aquelas crianças entre três meses a um ano de idade, ao pegar um objeto ou alimento, colocam na boca, pois precisam de experiências e vivências práticas ao longo da vida.

Ao assistir as inúmeras versões do Pinocchio quando criança e agora como adulto me faz remeter a um menino que mentia e que o seu nariz não parava de crescer. Agora questiono: Por que ele mentiu? Quais os motivos o levaram ao ato? O boneco estava sendo manipulado a errar para uma sociedade, já habituada a mentiras? São justamente esses questionamentos que relaciono entre a educação e infância no que tange a dinâmica, presentes no/do/sobre o cotidiano escolar.

As versões mostram claramente um desvio, onde o aluno foge da escola, foge do professor, foge do pai, ou de suas próprias responsabilidades. Ou seja, que escola é essa em que o Pinocchio não queria estar presente? Diferente da escola do século XXI? Vira “burro” somente quem não vai para a escola? De fato, a relação da escola com o saber, ampliam o conhecimento, o social e o cultural, mas está longe de ser atrativa aos alunos que contam com a instituição educacional para se tornar humano. Pinocchio tornou-se em um humano físico, mas com uma grande lacuna de humano social e cultural.

Para quem teve acesso a primeira versão de Carlo Collodi, percebe-se que essa tem características de formação romântica, justamente pelo amor incondicional do pai para com o filho, ou seja, de Geppetto para Pinocchio. Disposto a pagar qualquer preço para estar junto ao seu ente querido, projeto familiar não concretizado anteriormente pelo marceneiro.

De fato, há várias leituras para o conto, ao qual não se esgotam olhares críticos em cada versão. Como por exemplo, a raposa e o gato que têm considerações e características de espertalhões. Outra visão bem pertinente está agregada às subversividades, ou seja, nos forçam a mudança de comportamento a partir da percepção de escola, infância ou mentiras. Se a escola é um lugar de



formação. O que os educadores estão formando ao logo da Educação Básica? São discutidos ética e valor em âmbito escolar ou essas escolas são apenas espaços para o cumprimento de um currículo cada vez mais engessado? Em um olhar, pedagógico, sociológico ou psicológico, Pinocchio pode ser considerado um bom aluno? É importante ressaltar que Pinóquio era uma criança, recém chegada a uma sociedade repleta de malícia e das mazelas da época. De fato, ele não estava codificado a responder apenas o que os professores queriam ouvir, mas de questionar e descobrir o que o mundo podia proporcionar-lo.

Após seus conhecimentos sobre o conto e do personagem de Pinocchio, como você procederia pedagogicamente ou psicologicamente com esse tipo de aluno ou filho? É notório apontar uma solução quando não se tem um grande problema disciplinar ou familiar em seu cotidiano. Mas, se o problema da escola ou da família contemporânea é a indisciplina, como resolve-la efetivamente a partir de um caso específico? A indisciplina surge originalmente a partir dos alunos ou pelas atitudes dos educadores e pais? No caso escolar, se não há interesse pelo aluno, a escola não é atrativa, por isso ele não tem interesse em permanecer nesse ambiente. Pinocchio é uma criança muito corajosa, quebra paradigmas ao se deslocar para outro espaço em busca dos desafios e em pouco tempo deixa de ser um boneco de madeira, passando a ser um in-fante, ou seja, um ser falante e com sentimentos humanos, com capacidade de chorar e desejar seu projeto de vida.

Portanto, as aventuras de Pinocchio tornam-se bem contemporânea, diante de uma perspectiva educacional e familiar, deparada com poucos ensinamentos inovadores e atrativos. Por fim, os tradicionalistas têm matado aos poucos a educação e os alunos têm matado as aulas e os pais de desgosto.

REFERÊNCIA

COLLODI, Carlo. **Pinocchio**. London: Puffin Classics, 2011, 288 p.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima